

Dossiê: Interface

Diálogos, trocas, intercâmbios, passagens, distâncias, espaços poéticos, oceanos, línguas, viagens, pesquisas, trabalhos, abismos, paisagens e arte. Este dossiê especial tem por objetivo apresentar um panorama das ações plásticas, dos meios de funcionamento e das atividades que envolvem o projeto Interface (projeto de colaboração entre a Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Réseau L'Age d'Or, constituído pelas escolas de arte do Sul da França.

Ligações, interações, fronteiras orientam a colaboração entre a linha de Linguagens Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da EBA/UFRJ e o Réseau L'Age d'Or, constituído por 11 escolas de arte do Sul da França.

Ao longo dos últimos quatro anos os encontros e numerosos trabalhos realizados contaram com a colaboração dos professores Carlos Zilio, Simone Michelin, Miton Machado, Paulo Venancio, com o empenho da diretora da EBA/UFRJ, Angela Âncora da Luz, e a participação de artistas pesquisadores; e, na França, com o apoio da Délégation aux Arts Plastiques do Ministère de la Culture e da Association Française d'Action Artistique do Ministère des Relations Etrangères e o interesse de Jacques Imbert, Christian Gaussen, Jean-Marc Ferrari, Jacques Defert, Patrick Talbot, Pierre Joseph, Emilie Dezeuze, e dos sucessivos adidos culturais do Consulado da França no Rio, Marc Pottier e Jean-Paul Lefèvre.

Reciprocidades que desde o início orientaram/permearam a proposta de trabalho e começaram a instaurar a comunicação, a interação entre os grupos de artistas. Interfaces que, esperamos, se transformem em suporte para pesquisas sobre as ligações histórico-culturais franco-brasileiras, possibilitando a expressão do olhar contemporâneo sobre diferentes realidades. E, de maneira mais ampla, que elas possam contribuir para a pesquisa artística e reflexões sobre a constituição da arte contemporânea, seu circuito, suas divergências, contribuições e lacunas.

Intertextualidade, alteridade e complementaridade, essas três diretrizes colocadas em discussão, permitem o acesso a maior informação e ao conhecimento recíproco e teórico da produção artística e de suas formulações. Na delicada passagem da

teoria à prática, as divergências e as diferenças tornam-se necessárias.

Inscritas em uma história e em uma práxis de transmissão, essa proposta de trabalho é aberta para cada um de seus participantes de maneira individual e coletiva. O contato e a convivência com realidades culturais diferentes, acima da reflexão puramente teórica da alteridade, baseiam-se na real afinidade eletiva. Não se trata de impor ou propor um modelo de trabalho, mas de encontrar os meios para a construção de situações específicas.

Esse espaço intermediário – interface – permite uma real confrontação entre os modelos nacionais e a atual globalização, sempre assimétrica. O objetivo de fundar e aprofundar esse espaço de pesquisa e de criação para os artistas franceses e brasileiros, alunos e professores permanece, para todos nós, um desafio de permanente construção.

Catherine Bompuis

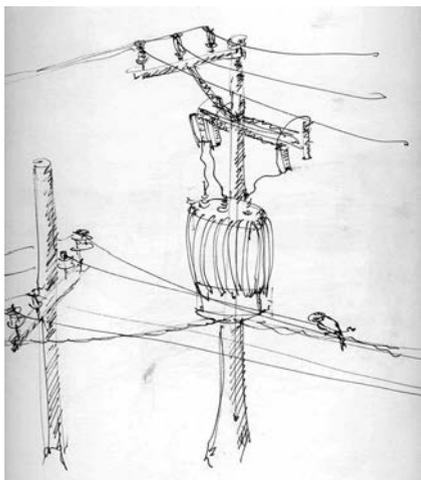
Glória Ferreira



Vista geral da exposição *Où sommes-nous?*

Escola Superior de Belas Artes de Montpellier
Sobre uma proposição de Alexandre Sá

Foto de Luc Jennepin



David Blondel
Sem título, desenho, 2004

Acho que o tempo (em sua duração) é benéfico para nós, não?

As imagens são pouco visíveis, por vezes invisíveis, íntimas, pontuais.

São compostas na indeterminação do tempo e do espaço de um encontro incerto.

Elas são o registro da memória do corpo e de todas as dificuldades de transmitir...

– e uma performance, que contou com a participação de alunos de ambos os grupos.

Foi para mim, e acredito que também para eles, uma vivência rica de *afetos, palavras e fios*.

Ainda que o registro material do processo dessa vivência seja um tecido de crochê conformado de linhas coloridas, ele guarda em sua *estrutura* as *tramas invisíveis* de uma memória coletiva, na qual foram tecidas relações com diferentes *pontos*, em direções diversas que certamente deixaram – lá e aqui – rastros visíveis e invisíveis.



Cédric Tome

As bocas, fotografia + experiência sonora, 2005

Uma mulher (Daniela Mattos) canta ("Samba e amor", de Chico Buarque)

Perto de nós,

Atrás da porta,

Próximo, longe,

Elipse espacial, voz e rumor.

Ela segue e persegue.

Como uma extensão do teatro universal de Borges

Ela cantou lá em vez de aqui:

"alô, alô, eu chamo aqui, depois lá. Aqui reflito a maneira cujas coisas aparecem neste lugar (ou lá) tudo surgindo alhures (ou aqui)".

Wark Kaenzie, catálogo "Mutações" Museu CAPC



Daniela Mattos

Diálogos 9a, registro fotográfico de vivência/performance, 2005

Trocas. Talvez essa seja a palavra mais adequada para resumir minha experiência no Projeto Interface, em dezembro de 2005, no 'Atelier des Enfants' da École d'Art d'Avignon. Com especial ajuda da professora e coordenadora do ateliê, Sylvette Ardoino, realizei meu trabalho através de dois workshops – com turmas de crianças em idade de seis a 10 anos

Bordeaux. França.

Sua voz teria apagado as distâncias.

Seu murmúrio,

um som que atravessou o espaço

como conduzido de um lado e de outro.



Cezar Bartholomeu

Aucune Conséquence, performance, 2005.

Executada por: Arnaud Lapeyre Mazerat

Ação para a Interface na escola de arte de Avignon (1 ator, carvão, roupas brancas, arquitetura)

1 - A distância do ator para a arquitetura deve ser de um braço.

2 - O ator deve escrever repetidamente (formando, de cima para baixo, uma coluna): 'aucune conséquence'.

[Não é necessário que a frase marque o tamanho horizontal da coluna, que pode ser dada em tensão com a arquitetura, segundo bom ou mau julgamento.]

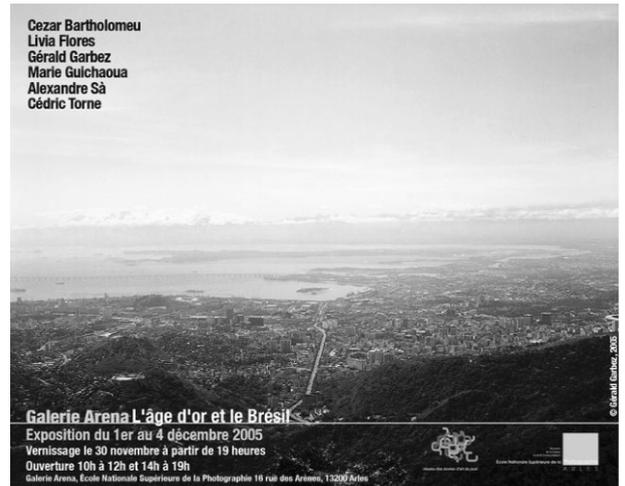
2.1 - A não ser que o ator ouça qualquer outra coisa sendo dita, que deverá ser reproduzida na arquitetura.

2.2 - O ator deve retornar à frase original.

3 - Ao chegar ao chão, sem dobrar os joelhos, deve continuar escrevendo, continuando a coluna de texto.

3.1 - Mesmo sobre seu corpo, no mesmo sentido, até a altura de seus olhos.

4 - De olhos fechados então, o ator se deita no chão e oferece à leitura toda a coluna de texto.



Curadoria: Laetitia Talbot



Giordani Maia

Oxigenação da Baía, performance, 2003.

A proposta parte de um convite a quem interessar – com data e local (barcas Rio-Niterói), enviado por e-mail e distribuído em lugares públicos – à realização de um ato insólito: entornar água mineral na Baía de Guanabara. No ato de lançar águas ao mar articula-se a seguinte *lógica*: 'assim como o bater de asas de borboleta pode desencadear um ciclone em um continente distante (Teoria do Caos), uma determinada quantidade de água contida em um recipiente plástico (engarrafada para ser consumida em larga escala) misturada ao grande volume de água contida na baía, com todos os tipos de poluentes químicos e orgânicos resultantes do constante progresso do Ocidente, pode causar

efeitos de proporções desconhecidas e invisíveis, mas ainda assim relevantes'. (Ajudaram na elaboração deste texto os artistas: Cristina Pape e Lau Caminha). Fotos de Felipe Barbosa.



Lívia Flores

Sem título, fotografia, 2004.

Como responder a um convite para uma exposição com artistas brasileiros e franceses envolvidos no projeto interface? À parte saudades e *fromage*, caipirinha e *vol-au-vent*, o que fica dessa relação entre artistas em situação de turismo, lá e cá? Pressinto que só o trabalho trabalha. Ali, naquele momento do jogo entre espelhos e reflexos que a fotografia põe em cena, de repente, abre-se um buraco negro sobre a superfície lisa do chão de pedras portuguesas que Cédric pisou no Rio. Ou a imagem da santa da praça da Vila Divinéia retoma seu lugar no altar que já não existe na antiga capela de Arles, abrigo atual de exposições – talvez por isso ostente a moldura sem quadro de Alexandre como atributo. As imagens começam a circular na montagem e depois continuam, criando seus próprios fluxos – como os olhares, como os objetos, que um descarta e o outro recolhe para lançar no espaço indeterminado de um público que passa por ali e por aqui, turistas, artistas.

Pequenas anotações de viagem

“Ai, que preguiça!”
Mário de Andrade

«Vian
Petite francesa
Dancê le classique
Em cime de mesa»

Assis Valente

Som de check-in côncavo: Sim, a distância é, por vezes, um elemento auxiliar no processo de

análise e compreensão de uma realidade física, social, histórica, geográfica e artística. É essa distância que faz com que percebamos, com alguma dor inevitavelmente, que, em alguns casos, a cidade redescobre sua potência criativa quando vista de longe ou, pelo menos, quando vista com outros olhos. As viagens sempre estiveram envoltas em seus próprios mistérios, pois, de alguma maneira, se fundamentam em suas dúvidas inerentes (e não menos deliciosas) diante do salto inevitável ao desconhecido do outro e na novidade panorâmica que se revela.

Há entre todo espaço que une uma palavra e outra algo que aqui por estas terras se chama de *décalage*. Algo de espaço que se pensa que se atravessa. Algo de através que é o mesmo entre-pessoas de qualquer parte de qualquer lugar. Entre uma pessoa e outra há sempre algo de abismo paralelo a toda página em branco que na maioria das vezes é estrangeira em sobressalto.

Escrevo agora, quase um mês após minha chegada/partida a/de um lugar outro, onde a obsessão pela paisagem termina, por vezes, quase virando pesquisa de campo poético. A quantidade de imagens que me surge de acordo com todas as avenidas que desbravo é incalculável. Sinto-me obviamente impotente diante de tudo que se revela de maneira tão rápida. E exatamente por isso, deixo que a poesia do trabalho reverbere por si só.

Há entre nós um diálogo, uma camaradagem, um oceano, uma história e algum passado que quase sempre se esconde na acidez-sagaz-potência do teu-outro-dentro que prefiro não saber. E por isto, ignoro esta coisa tua que é também minha e que bate na porta em momentos onde o desejo de supremacia em nós exhibe seus dentes e sua língua que precisei conhecer, para que não me lançasse na errância de mim. Há entre nós um romance e uma idéia estrangeira advinda do prazer que existe na passagem, neste delicioso não-lugar que se revela no momento em que nossos olhos se atravessam e se esquecem da pulsão de despedida que os séculos o obrigaram a aceitar. Saudade é uma palavra que é verbo, por mais clichê que isto lhe pareça.

Som de check-in convexo: Novembro de 2005. Primeiro avião de sua vida. Algumas longas horas. Primeira decolagem e primeira aterrissagem. Aproveite. Dialogue. Fotografe o possível, mesmo sabendo que experiência é aquilo da terra do

incapturável e do inominável. Atravesse. E perceba, com algum pesar, que grande parte de toda a arte estudada até aqui era apenas a impressão superficial esparramada na folha da imagem. Pés no chão. Rio – Paris – Montpellier – e assim por diante...

Take 1 – As portas se abrem, e o que pode me esperar? Sinto de uma vez por todas que estou bastante próximo da palavra estrangeiro. Eis que surgem dois sorrisos largos¹ a minha espera e que terminam por afagar minha recôndita angústia tupiniquim (no melhor sentido). Aos poucos a língua previamente preparada se desenrola num almoço de reconhecimento de área. Tudo é novo de fato, sotaques, costumes, roupas, tempo, clima, cultura. Reencontro amigos que fiz rapidamente no ano anterior. Em menos de dois dias estou passeando pela cidade nova para me perder e tentar me encontrar. No terceiro dia, vou a uma festa onde todos observam “empiricamente” surpresos, o rapaz da brasilândia que não só fala de futebol, samba, suor e cerveja. Curiosamente me sinto em casa. E descubro que casa talvez seja um desses nomes que carregamos conosco. Como uma prece, como uma marca pessoal de lugar nenhum.

Take 2 – A escola. Como talvez nunca tenha a oportunidade de ver. Como talvez nunca consiga ver no país que um dia achei que meu fosse. Silêncio e mais nenhum comentário. Respiração profunda e recomeço. Tecnologia e equipamentos. A possibilidade de fazer tudo. Ou quase. Ou pelo menos a possibilidade de expandir as fronteiras de mim e do próprio trabalho. Toda uma equipe cordial² tenta descobrir junto comigo aquilo que nos move, ou pelo menos aquilo que nos liga. Continuo me perdendo para me encontrar nos laboratórios de imagem, de fotografia, de escultura, na serralheria, na gráfica, na virtualidade daquela distância material que eu desconhecia. Resolvo então sumir por uns dias na biblioteca. E é ali que encontro uma possibilidade real de troca.

Take 3 – Telefone chama lentamente, quando atende diz que Madame Flores está trabalhando e infelizmente não se encontra no seu apartamento. Saudade.

Take 4 – Descubro que interface é realmente poder encontrar pontos de tangência, de

desvendar proximidades e distâncias. Decido desenvolver um projeto para acompanhar a maioria dos trabalhos dos alunos da escola. E percebo imediatamente que o que podia fazer de melhor, é questionar o processo dos trabalhos e descobrir fundamentações teóricas. Assim o faço, em sessões diárias pela manhã e à tarde.

Take 5 – Madame Flores atende e passamos um final de semana juntos. Fico ainda mais fascinado com a artista em sua experiência. Em seguida, todos³ se encontram para o Colóquio em Avignon e percebemos então, na carne poética do trabalho, a enorme delícia que é o diálogo por si só. Exposição, mostra de vídeos, performance e happenings. Retorno à minha origem por enquanto. Perfumes, queijos, vinhos, trabalhos, alunos, artistas, processos, encontro.

Take 6 – Uma exposição será feita. Reúno os alunos, já amigos e proponho: “Onde nós estamos?”. É essa a pergunta que nos assolava. Quais seriam nossas fronteiras e quais seriam seus possíveis hibridismos? Que espaço era este que nos comportava de forma tão sem adjetivo? O que nos torna turistas de turistas de nós mesmos? Decidimos explorar as mais diversas linguagens: fotografia, vídeo, objetos, pequenas instalações, performance e, por último, algo que trouxe na bagagem inevitável da memória: música. Música⁴ brasileira com artistas (que não são músicos) franceses. Tudo em busca da aproximação de um local em hipertexto que nos (des)identifique. Ensaíamos quase todos os dias. E, num misto de descompasso amistoso e unidade além da explicação possível, seguimos alargando nossas experiências entre canções francesas e pontos de macumba. A lista de participantes é extensa demais, e o designer gráfico (do convite da exposição) pergunta por que tanta gente, tantos nomes e tantos agradecimentos... Sorrio meio sem jeito (e me sinto imediatamente com um capinzinho na boca que se sente, muito rapidamente, banguela, no melhor sentido) e digo que coletivo é todo (o?) mundo que carrego neste peito teimoso sem nenhum baticum. Hárte também é isso.

Take 7 – Retorno⁵ (de onde? / para onde?)

Som de check-in de vácuo quase oração de graças alcançadas: Agradecei sempre a inevitável ajuda e consideração que recebes das instituições

de fomento à pesquisa do seu país. Que certamente, cada vez mais ajudar-te-ão, eliminar-te-ão as burocracias e entenderão completamente a necessidade de processos como este.⁶ Que assim seja. Amém.

Ceci n'est pas un poème
Catalogue de poche pour étrangers
Je sais aussi comment être une galerie.

Alexandre Sá
De algum lugar
09/10/2006



Colóquio Brasil "Parfum brûlé"

Palestras

Paulo Venancio Filho – História, cultura periférica e a nova civilização da imagem.

Milton Machado – A imaginação no poder: a arte dos anos 70 e outros milagres brasileiros.

Peter Pál Pelbart – Poéticas da alteridade, desatínos e a cena teatral contemporânea.

Jacques Leenhardt – Dispositivos locais, códigos globais, a arte brasileira como antropofagia.

Felipe Ferreira – Identidades brasileiras e o carnaval: os "índios de cordão".

Michel Agier – Os rituais contemporâneos da cultura afro-brasileira. Formas e questões.

(Mesas redondas - Exposição - Trabalhos e projetos de artistas - Mostra de vídeos⁷ - Performances)

Brésil
dynamique
de créati

Ateliers
Films
Tables rondes

du 28 nov. au 1er déc. 2005
Ecoles d'art d'Avignon, Artes
Montpellier, Nice
Université d'Avignon

Colloque

Vincent Ducame

Interieur nuit I, vídeo, 2006.

Um *travelling lateral* apresenta quatro personagens, dois femininos e três masculinos, evoluindo dentro de um espaço composto por uma peça única, uma cena de teatro composta por uma mesa e duas cadeiras, que sucede a si mesma *ad infinitum*.

As personagens se deslocam, se olham por vezes, mas não se tocam e não se falam. Não fazem nada. Não fazem nada além de esperar e se deslocar. Mas quando se deslocam, sempre retornam ao mesmo ponto de origem como se Estragon e Vladimir (de Beckett) estivessem perdidos no jardim dos caminhos de Borges, que se bifurcam incessantemente.

Brasil "Perfume queimado"

Jacques Defert

Associando-se ao Ano do Brasil na França, uma parceria foi estabelecida entre a associação Âge d'Or, rede das Escolas de arte do Sul da França, a Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Escola Superior de Design Industrial da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Nesse contexto, a Âge d'Or assume a coordenação, na França, de um projeto de trocas franco-brasileiro intitulado *Fil Rouge* [*Fio vermelho*], desenvolvendo-se, ao longo de todo o ano de 2005, residências de artistas brasileiros



nas escolas de arte do Sul da França, trocas pedagógicas e um trabalho de reflexão mais teórico.

A vinda de outros artistas brasileiros foi prevista a partir do outono [de 2005] nas escolas de arte de Avignon, Montpellier, Nice – Villa Arson, assim como na École Nationale de la Photographie d'Arles. Paralelamente, no âmbito do Laboratório de pesquisas franco-brasileira *Interface* [Réseau l'Âge d'Or e EBA/UFRJ], a Âge d'Or e a École d'Art d'Avignon propuseram coordenar, em estreita colaboração com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, um encontro (colóquios e ateliês) intitulado *Parfum brûlé*.

A arte e a cultura do Brasil contemporâneo permanecem pouco conhecidas na França, apesar da evidente admiração pela música brasileira. No entanto, desde o final dos anos 50 e do sucesso surpreendente de *Tristes trópicos*, muitas trocas contribuíram para se fazer conhecer a diversidade cultural desse país na Europa.

As publicações dos antropólogos franceses que reinventaram então a antropologia nas periferias urbanas da Bahia e nas florestas da Amazônia, a midiáticação dos emblemas da modernidade após a fundação de Brasília, a tradução dos grandes escritores brasileiros, mais o surgimento do Cinema Novo e o lugar ocupado hoje pelo Brasil e seus artistas na cena internacional, nos forneceram uma imagem do Brasil tão exuberante quanto fragmentada. A tal ponto que a insistência sobre os contrastes e as contradições da realidade brasileira acabaria por substituir o esquematismo de oposições estereotipadas pela compreensão das dinâmicas culturais e das tensões sociais que atravessam e reatam também, de maneira subjacente, todas as facetas da cultura brasileira.

Esse encontro franco-brasileiro se dá com o objetivo, portanto, não só de nos fazer

descobrir a vitalidade artística e cultural do Brasil contemporâneo, mas também de nos fazer compreender como a criatividade brasileira opera sobre as atuais clivagens convencionais entre tradição e modernidade, local e global, particularismos identitários e reapropriação do vocabulário da globalização.

Trata-se, desse modo, de situar processos e formas da criação contemporânea em sua complexa relação com a profundidade histórica e as questões contextuais e globalizadas que lhes dão sentido. Mas trata-se também de interrogar, em retorno, as fontes e os limites de nossas próprias representações da cultura brasileira, assim como as imagens que os brasileiros dão de si mesmos e que veiculam para o exterior. Os estereótipos mascaram efetivamente o real, tanto quanto revelam os dispositivos implícitos, com a condição de, por eles, se interessar mais de perto...

Claude Lévi-Strauss abre a segunda parte de *Tristes trópicos* com uma estranha associação de idéias: "ainda hoje penso primeiro no Brasil com um 'perfume queimado'". Paradoxalmente, ele reivindica esse imaginário olfativo, saído da "homofonia inconscientemente apreendida das palavras Brasil e brasido" como "o veículo de uma lição simbólica", marco do processo e compreensão e de interpretação antropológica que ele quer liberar de suas pretensões objetivistas e de seus pesos ideológicos.

Esse devaneio, mais polifônico do que parece, condensa de fato, em sua verdade fugidia, toda uma parte desse Brasil imaginário construído desde a época da conquista, tanto por seus dominados quanto por seus dominadores, em um *chassé-croisé*¹ de representações projetadas, submetidas, entremeadas, denunciadas, "bricoladas", reinventadas ou reivindicadas: imaginário fundador de uma realidade múltipla...

A etimologia guarda com freqüência a impressão de sedimentos de sentidos que alimentam sub-



repticiamente muitas construções identitárias: a madeira vermelha utilizada para a tintura que, no século 16, deu seu nome ao Brasil por assimilação a sua cor de brasa, cruza-se, no imaginário ocidental, com o braseiro dos rituais antropofágicos e com a fascinação experimentada pelos conquistadores face a face com os corpos “selvagens”, pintados de figuras vermelhas traçadas com o suco do grão de urucum. Figuras por muito tempo recorrentes de uma alteridade radical, que a antropologia só iria interpretar como marcas de civilização em meados do século 20.

Em que medida pode-se considerar a realidade “brésillée” [“brasílica”] do Brasil contemporâneo (com o duplo sentido desse termo esquecido, “brésillée”, ao mesmo tempo “quebrar em pequenos pedaços” e “tinta de madeira vermelha”) como uma construção de sentidos, portanto de cultura, capaz de integrar e de transcender todas as contradições e mal-entendidos saídos desse imaginário, do qual ela seria também de uma certa maneira o produto?

Desde os anos 20, Oswald de Andrade, líder da iconoclasta modernidade brasileira, reivindicava em seu *Manifesto antropófago* a herança dos Tupinambás como matriz cultural da brasilidade, preconizando a devoração de todos as contribuições estrangeiras, o que a cultura desse país jamais cessou de cumprir, extraindo sua força de sua capacidade de ingestão, de mestiçagem e de recreação permanente. “Eu sou um Tupi que toca alaúde” escrevia em eco um outro escritor (seu homônimo) Mário de Andrade...

Nesse sentido, pode parecer particularmente enganador opor as manifestações da cultura dita “popular” do Brasil, percebida através de um prisma redutor apenas por suas dimensões festivas ou por suas ancoragens étnicas ou particularistas, às produções artísticas brasileiras avaliadas pelo padrão de critérios exclusivos da arte dita “internacional”.

A criatividade brasileira desdobra-se por um caleidoscópio de formas tão rigorosamente construídas como espetacularmente encenadas ou ritualizadas, que o observador exterior não pode discernir as questões identitárias, sociais e políticas, entrelaçadas em um jogo sutil de

metamorfoses, de manipulações e de disfarces dos quais ele não percebe os códigos.

A problemática proposta “do exterior” à reflexão de nossos parceiros brasileiros, assim como a alguns convidados franceses familiares à cultura do Brasil, poderia portanto consistir em deslocar as referências antropológicas e artísticas habituais para nos fazer melhor compreender o que tramam as aparências formais: confrontar, em uma mesma interrogação pluridisciplinar, a vitalidade mestiçada da cultura carioca, a africanidade reivindicada dos rituais do candomblé e do carnaval da Bahia, com as formas tomadas pelos movimentos artísticos brasileiros – do *Manifesto antropofágico* ao trabalho sobre o corpo surgido do neoconcretismo ou aos equilíbrios de aparência conceituais da geração *Tranca-ruas* –, deveria nos ajudar a perceber as “diversidades” da cultura brasileira de outro modo que não pelos filtros que lhes opõem, antes como as máscaras mutantes e as estratégias móveis de um mesmo processo de apropriação e de “devoração”, de afirmação das dinâmicas culturais e identitárias brasileiras em toda a diversidade do campo social, criações plenas.

Longe de reconduzir o pressuposto das “diferenças” culturais, esta apresentação e a reflexão que a acompanhou deveriam contribuir, ao contrário, para nos fazer perceber melhor a profundidade dos laços históricos e culturais que freqüentemente reaproximam as dinâmicas de criação no Brasil e na França.

Todas as construções culturais do planeta têm certamente recorrido aos mesmos mecanismos de apropriação, de reinvenção e de diferenciação, segundo combinatórias e especificidades variáveis no tempo e no espaço, segundo nuances ou tonalidades reivindicadas como o próprio de cada contexto cultural ou cada experiência individual. Mas nessa articulação do local e do global (o “glocal”) não circulam apenas formas e idéias, mas também os esquemas simbólicos nômades que unem tão estreitamente o antigo e o novo mundo...

Jacques Defert é professor de Antropologia Cultural, na Ecole d'Art d'Avignon e responsável pela coordenação francesa desse projeto de encontro

Tradução de Marisa Flório Cesar e revisão de Glória Ferreira





Gérald Garbez

Barra da Tijuca – da série “*Todos os direitos reservados*”, Impressão digital, 2006.

momentaneamente um outro indivíduo. Que se livrasse de seus sofrimentos, que abandonasse seu corpo e que esquecesse suas dores físicas e sua condição. Por outro lado, o transe reduz o indivíduo a um corpo possuído que não é mais senhor dos seus atos porque termina reagindo como um outro: a entidade.

Estar possuído é também, de certa forma, tornar-se escravo da entidade incorporada.



Aude Chevalier-Beaumel

Sem título, fotografia, 2005.

O transe é inseparável do conceito de escravidão. Ele permitia, num primeiro instante, que o escravo se libertasse e que se tornasse



Agnès Fomells

Sem título, fotografia, 2006.

Uma representação “humana”, estátua isolada de seu local (o cemitério) que, pelo enquadramento, entra em relação com o espaço urbano que é observado ao fundo e parece velá-lo ou estar sob sua influência. As estátuas cercadas, destacadas, parecem designar o limite entre dois universos. Mas a imobilidade de tais figuras interroga o mundo contemporâneo. Nas fotografias feitas no Rio de Janeiro, a imagem se afirma e anuncia uma nova estrutura urbana, a favela.



Alexandre Sá

Hárte n° 1 (a experiência), performance + bi-cheet'o (o objeto entre), 2006

Participação: Milan Tutunovic, Axelle Carruzo, Aude Chevalier-Beaumel e Chien.

Eu o avistei (como reflexo) no escuro, quase que sem perceber as feições possíveis e tropeçando inteiramente naquele signo estrangeiro que reside em toda e qualquer língua onde palavra e imagem se encontram no vácuo de suas respectivas experiências. Éramos turistas desde muito, como aqueles que andam em círculos pré-históricos, como aqueles uivos que rodeiam os lobos da madrugada museológica, colecionando algo de distante que talvez tenha-se perdido por nossa cobiça de proximidade. Encontramos um ponto de tangência para as nossas próprias derivas em perspectiva e deixamos que derivasse ali alguma poética de ação (que de entrópica não tem nada). Plantei torrões de açúcar, deslizei seu foco afiado de observação etnográfica, lavei seu pés e cantei uma canção de letreiro de fim de filme para que adormecesse sem sol e sem si.

Participantes

- Agnès Fornells
- Alexandra Fleurial
- Alexandre Nativel
- Alexandre Sá
- Arthur Leandro
- Axelle Carruzo
- Aude Chevalier-Beaumel
- Cadu Costa
- Camille Boissière
- Caroline Bourdet

Cédric Torne

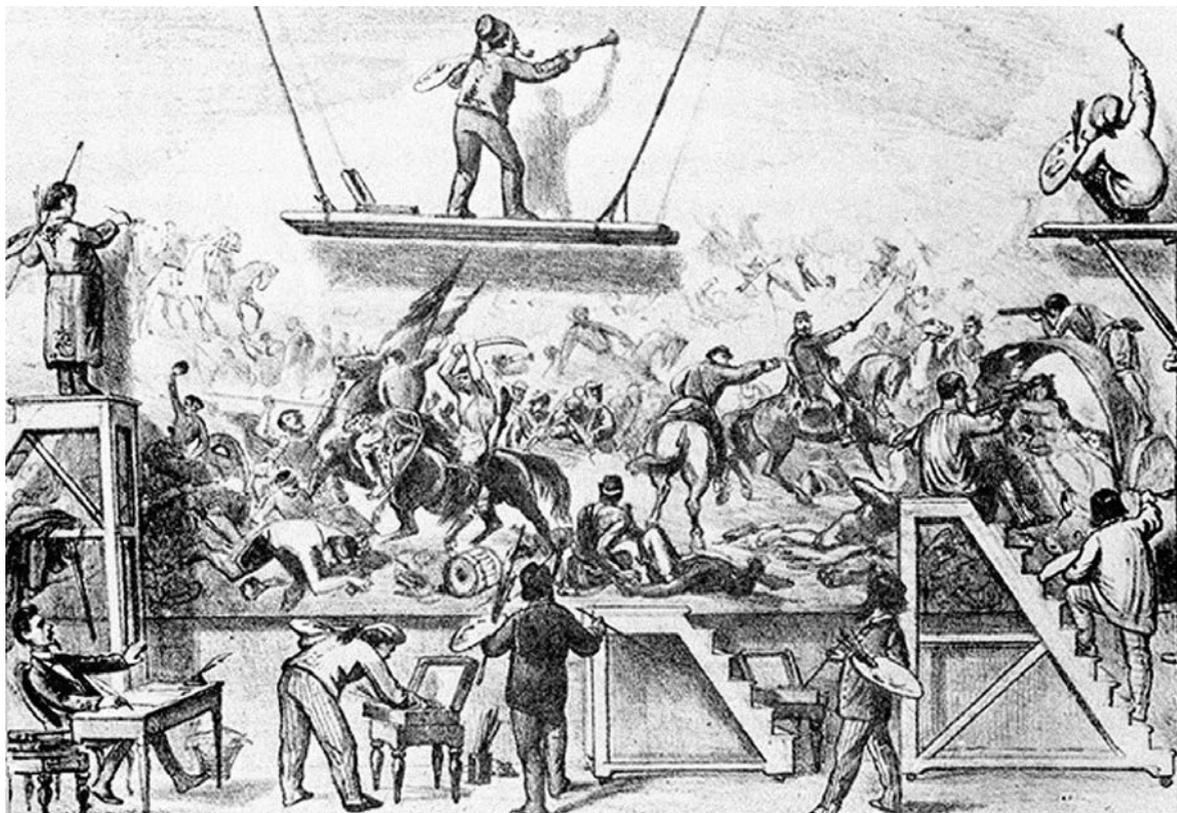
- Cezar Bartholomeu
 - Cristina Pape
 - Daniela Mattos
 - David Blondel
 - Felipe Barbosa
 - Félix Richard
 - Florence Van Handenhove
 - Gérald Garbez
 - Giordani Maia
 - Ian Ewens
 - Izabela Pucú
 - Jessy Gemayel
 - Lau Caminha
 - Lívia Flores
 - Loïc Pantaly
 - Marie Guichaoua
 - Milan Tutunovic
 - Nicholas Martins
 - Rébecca Schreck
 - Ronald Duarte
 - Sebastian Brink
 - Stéphane Despax
 - Valérie Collart
 - Vincent Ducarne
 - Xavier Lescat
- Participações especiais: Amélia Sampaio + Johanna Goldberg + Tato Teixeira + Grégory Vos + Olivier Bartoletti



Notas:

- ¹ Escolas de arte das regiões de Languedoc-Roussillon e Provence-Alpes-Côte d'Azur: Aix-en-Provence, Arles, Avignon, Marseille, Montpellier, Nice (Villa Arson), Nîmes, Perpignan, Sète e Toulon.
- ² Cristian Gaussen e Pierre Joseph
- ³ Noëlle Dumont, Elisabeth Vergnettes, Martine Morel, Thierry Guinard, Christian Marquant, José Sales, Rémi Reymond, Jaky Biondi, Joëlle Gay, Nora Martirosyan.
- ⁴ Milton Machado, Paulo Venancio, Lívia Flores, Daniela Mattos e Cezar Bartholomeu.
- ⁵ Alexandre Sá – voz, Vincent Ducarne – violão, Alexandre Nativel – violino, Aude Chevalier-Beaumel – berimbau e voz, Rébecca Schreck – poesia sonora, Xavier Lescat – percussão e violão.
- ⁶ Na verdade, só termino retornando a algum lugar graças à ajuda de duas pessoas (Amélia Sampaio e Cédric Torne). Explicação lógica: Achando tudo tranquilo demais e o mundo pequeno, saio com uma única mochilinha mísera para uma viagem por alguns lugares. Além de perceber que o dinheiro que levava era impossívelmente ínfimo, terminei sendo furtado em algum lugar do metrô de algum lugar... Bom, sagas de samurai não cabem aqui. O dinheiro estava lá no dia seguinte. E tudo recomeçava em sua inevitável delícia.
- ⁷ Inclusive nas atitudes recentemente tomadas com as bolsas-sanduíche de doutorado.
- ⁸ Fração, fraction. Mostra organizada por Daniela Mattos e Izabela Pucú.
- ⁹ Figura de dança em que cavalheiro e dama passam alternadamente um defronte ao outro. Em uma acepção corrente é a troca recíproca e simultânea de lugar e situação (N. da T.)





'A BATALHA DE AVAHY DO DR. PEDRO AMÉRICO'

"Podem os críticos inimigos do Dr. Pedro Américo, dizer cobras e lagartos da Batalha de Avahy. Nunca conseguirão fazer com que este belo quadro desagrade ao público. Basta lembrar-se que na sua composição, tomaram parte grandes artistas como Horacio Vernet, Ivon, Gustavo Doré, Pagliani, Ricci e outros, cujo imenso talento o Dr. Pedro Américo foi o primeiro a reconhecer num sem número de artigos laudatórios, que o mesmo ilustre Dr. Comendador escreveu e publicou em muitos a pedidos de jornais italianos e brasileiros."